

A PRESENÇA DO IMIGRADO ALEMÃO NÃO É EXCLUSIVA DA REGIÃO SUL

Theobaldo Costa JAMUNDÁ

Por razões explicáveis, blumenauenses, joinvilenses e muitos com raízes na Colônia alemã de São Pedro de Alcântara, ufanam-se, sem ofender nem discutir, como privilegiados portadores da herança tedesca. Um detalhe se percebe entretanto, na satisfação visceral como seja, eles, os compreensíveis vaidosos únicos herdeiros de germânicos. E pela vaidade não cometem crime. E até é bonito que cultivem a glória específica.

E este ufanismo do teuto-brasileiro destas bandas arrazoa o tema para esta crônica, que, afinal é de caráter apologético e sobre o imigrado alemão também em São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Sergipe e Pernambuco. - Deixei por último os estados do Paraná e Rio Grande do Sul por que é comum ouvir-se referências sobre o que fizeram neles, de bom para o Brasil, os imigrantes teutônicos. E porque com o estado de Santa Catarina estes estados fazem a Região Sul, existe esvoaçante exagero para mais ou para menos sobre o nosso irmão teuto-brasileiro : o “Sul brasileiro dos alemães” ou os “Alemães dos estados do Sul”. - Quem já ouviu alguém dizer: o alemão do Rio de Janeiro que fez Petrópolis (RJ.) (...)

Entendendo que ninguém fica ofendido em saber que a contribuição do imigrado alemão no progresso brasileiro também chegou ao todo nacional como originada no meu Pernambuco. E na história, numa compreensão horizontal desde a presença de Johann Mauritius van Nassau-Siegen (1604 -1679) mui conhecido e mui amado Maurício de Nassau, que a inteligência pernambucana reconhecida galardoou. - Mesmo que fosse general invasor holandês e príncipe germânico, a gratidão pernambucana reconheceu maior e amigo da gente e da terra. E nessa gratidão e reconhecimento pelo trabalho de imigrados europeus e doutras

origens a bibliografia pernambucana é vária e vasta. E sobre os alemães um só livro informa muito. É aquele de Mestre de Apipucos, Gilberto Freyre intitulado: “**Nós e a Europa Germânica**” (1971) - E só para informar, de vez que o livro é raro e esgotado, o que escreveu Alfredo Carlos Schmalz, “Alemães em Pernambuco (1966)”, 44 páginas. E completo neste tema se pode ter o livro de GUILHERME AULER, “A Companhia de Operários 1838 - 1843”, Recife (PE) 1959. Esta Companhia, consistiu em ser formada com 195 artífices teutônicos da área de Engenharia Civil, como queria o presidente da Província de Pernambuco para trabalhar no Recife. E já em 1839 atuava, portanto, anos antes da fundação da Colônia de Blumenau.

Também chegaram como alemães e fizeram a “Colônia Santa Amélia” uns que não foram bem sucedidos; mas, para atividades urbanas a crônica relaciona: tipógrafos, fotógrafos, gravadores, litógrafos, desenhistas. E no texto da crônica, os nomes seguintes: Stahal, Henschel, Steffen, Wahnschaffe, Fiedler, Arens, Voigt, Parf, Schappriz, Bauch, Krause, Grotzschke. E até um assessor de Maurício de Nassau chamado Ehern Pa Te. E se avalie que foram fortes as relações mercantis com Hamburgo, Hannover e os importadores e exportadores da Baviera. E até desses centros germânicos existiram consulados no Recife.

Com a vigência da República, religiosos e religiosas germânicos chegaram com a liberdade de participarem expressivamente, na vida recifense e restauraram conventos no Recife e em Olinda. Sem dúvida a participação que deram preponderou principalmente, na área da educação e numa interiorização sem temer a agressividade do clima quente. Os beneditinos admitiram a instalação do “Curso Jurídico” no Convento de S. Bento. E deram também a vitalidade de instituir o ensino superior de Medicina-veterinária e Agronomia, hoje, raiz da Universidade Rural de Pernambuco. No destaque desse, vem os religiosos Dom Pedro Roeser (n. na Suábia) e o cientista Dom Bento Pickl O.S.B.. E como hóspede da Abadia Beneditina, o méd.-vet. Dr. Roesler.

E também é de um alemão de Munique a prioridade da introdução no Brasil-nordeste, irradiada de Pernambuco, a confecção de vitrais coloridos, chamava-se ele: Heinrich Moser. Como consta no orgulho pernambucano ter hospedado com merecimento o príncipe imperial Heinrich von Hohenzollern (irmão do imperador Guilherme II).

E se admita que o grupo tudesco não foi pequeno no Recife pois, por que se tivesse sido não teria motivação para fundar a “Deutscher Hilfsverein”, que, diz A. C. Schmalz até 1.966 cumpria a finalidade filantrópica objetivada.

Quem queira saber ou já sabe que todos os “Lins brasileiros” estão, pelo sangue, no croché dos “Lins germânicos” Sebaldo, Conrado, Rodrigo e Bartolomeu. - De certo sabe também que os “Lins da Europa germânica” emigraram para a Holanda e para Portugal. E sobre Sebaldo que atendia também por Tibaldo, criatura nascida em Ulm, informa com autoridade Karl Heinrich Jr., ter chegado ao Brasil dos pernambucanos como imigrante e com a família meteu-se na agricultura; e que foram o quanto puderam ser, motivadores de aparentados chegarem ao Brasil como imigrantes. (Cf. **A Contribuição teuta à formação da nação brasileira**. Tradução de Custódio Campos - Rio de Janeiro, 1968 - E quem queira ir mais longe sobre essa contribuição, leia: Carlos Fouquet, **O Imigrante alemão e seus descendentes no Brasil 1808 - 1824** - 1974, Editores Instituto Hans Staden e Federação dos Centros Culturais “25 de julho”, respectivamente, São Paulo e São Leopoldo.)

Sobre os tantos “Lins brasileiros”, aqui quatro deles agigantados na intelectualidade brasileira, sendo que dois como escritores: o mineiro de Belo Horizonte, Ivan Lins (1904 - 1975) até quando faleceu no grupo, muito pequeno, dos últimos humanistas; o pernambucano do interior Osman Lins (1924 - 1978) autor conceituado de obra da ficção conhecida; o alagoano João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu (1810-1906) figura máscula do Império, ministro muitas vezes. - Uma vez como ministro da Fazenda (1878) e cortando verbas prejudicou os imigrados ocupados na construção da estrada da Serra (entre Joinville e Curitiba). - Aí mereceu o reclamo de Frederico Bruestlein, apontando o mal causado à Colônia Joinville. Diz a crônica que Cansanção de Sinimbu foi germanófilo e que presidindo a Província do Rio Grande do Sul, favoreceu, quanto possível, a Colônia alemã de “São Leopoldo”. (Cf. Craveiro Costa, **O Visconde de Sinimbu - Sua vida e sua atuação na política nacional** - 1840 - 1889.

E nos “Lins” com raízes em Pernambuco numa cidade chamada “Escada”(PE), se encontra a figura lembrada, maior como banqueiro (Banco Inco presente no território catarinense) maior como político, o catarinense Genésio Miranda Lins (Itajaí, 1903- ????)

E lembremos finalmente, que um alemão chamado Albert Grotzschke, em certo momento da vida “Kaiserlicher Konsul”, foi consagrado na memória pernambucana como fundador da **Cervejaria Pernambucana**. Aquela que tinha fachada principal na rua da Aurora, a fachada esquerda na rua do Lima e os fundos na rua da Fundação. E que meus olhos de menino nela viram homens baixos, vermelhos e gordos mui simpáticos. E nessa cervejaria, diz, o conhecimento de Alfredo Carlos Schmalz, sem dúvida o preservador mais capaz de presença alemã em Pernambuco, que o cervejeiro chamou-se “BRAUMEISTER-RUDOLF WALL”.